

# **REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA PERSPECTIVA DA HUMANIZAÇÃO**

Gilvanice Barbosa da Silva Musial  
PPGE/MPED/FACED/UFBA  
gilvanice.musial@ufba.br

## **INTRODUÇÃO**

Esse ensaio tem como objetivo refletir sobre a formação de professores para a Educação de Jovens e Adultos na perspectiva da humanização considerando o contexto da pandemia do COVID 19 e os avanços do conservadorismo e das políticas neoliberais no Brasil. Tem como ponto de partida as seguintes questões: Quais os principais desafios se apresentam à formação de professores para a Educação de Jovens e Adultos no contexto da pandemia de COVID19 e seus resultados devastadores do ponto de vista da saúde, da renda, da proteção social do seu público? Considerando que as classes de EJA são compostas por adolescentes, jovens, adultos e idosos populares, negros/as e, em grande parte, oriundos dos espaços sociais rurais e fortemente atingidos pelos efeitos nefastos da pandemia, como enfrentar a barbárie? Como não sucumbir à tristeza, à desesperança, ao desespero diante dos ataques à educação? Para a nossa reflexão, mobilizamos os conceitos como a visão necrófila do mundo (FREIRE, 1987) e necropolítica (ACHILLI MBEMBE, 2018), de humanização (FREIRE, 1987), de educação como prática da liberdade (FREIRE, 1987, 2011, 2017) e (HOOKS, 2017) e esperança do verbo esperar (FREIRE, 2002), como balizadores para pensar a Formação de Professores para atuação na Educação de Jovens e Adultos.

## **FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS DA EJA NA PERSPECTIVA DA HUMANIZAÇÃO**

Em tempos de ataques a democracia, com tentativas de cerceamento do trabalho de professores, com perseguições, abertura de processos judiciais, ameaças, podemos afirmar que vivemos em um período em que as pedagogias autoritárias disputam a pauta da formação de professores. Uma de suas estratégias mais bem sucedidas é a mobilização do medo e da mentira.

O medo é utilizado como modo de governo que se concretiza nas ameaças a professores progressistas, nos ataques aos currículos escolares e à liberdade de cátedra, nas invasões às atividades universitárias *online* nesses tempos de distanciamento social, mas que já vinha

acontecendo em menor escala nas atividades presenciais, nos ataques aos docentes pelas redes sociais com destruição de reputações, falsas acusações e disseminações de mentiras.

Nesse contexto um simples grupo de estudos sobre marxismo, gênero, Paulo Freire, atividade tão rotineira e fundamentais nas universidades brasileiras, pode ser invadido por grupos de extremistas. Espaços que se constituem, na sua maioria, possibilidades de diálogo entre universidade e escolas da educação básica, universidade e comunidade, universidade e Movimentos Sociais e que cumprem uma finalidade básica do fazer universitário, a extensão universitária, fundamental para a construção de novas pautas de investigação e produção de novos conhecimentos, são atacados.

No nosso tempo histórico, os senhores e senhoras da morte espalham pelos quatro cantos do país mensagens falsas que desinformam as pessoas, incentivam comportamentos que causam riscos à saúde individual e coletiva como as aglomerações, o não uso de máscaras, a não vacinação, a utilização de terapias que não possuem eficiência comprovadas e quando tudo corre errado recorre-se ao divino como única saída para a tragédia anunciada.

Vivemos uma escalada de violência que se traduz em números cada dia maiores de mortes pela Covid19 e na qual são os seguimentos populares, de baixa renda, negros/as, indígenas, entre outros, os mais atingidos. As/os estudantes da Educação de Jovens e Adultos integram esse público que está sendo fortemente atingido pelos efeitos devastadores da doença e pela ausência de políticas públicas efetivas de amparo a essas pessoas. Sem medidas efetivas de amparo a população mais vulnerável, é essa população que é obrigada a se aglomerar todos os dias em transportes públicos, que esteve e continua exposta cotidianamente ao vírus e contabiliza os maiores índices de óbitos proveniente da pandemia.

Ao mesmo tempo, manifestações em prol da abertura de comércios e serviços não essenciais mostram o sadismo “como uma das características da consciência opressora, na sua visão necrófila do mundo. Por isso é que o seu amor é um amor às avessas – um amor à morte e não à vida” (FREIRE, 1987, 47).

Achilli Mbembe (2018, p.3) afirma que na contemporaneidade, marcada pela destruição da vida humana é possível pensar em categorias menos abstratas para analisar a política, a soberania e o sujeito, ou seja, as categorias de vida e morte. Sugere que “a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder na capacidade de ditar quem pode viver, quem deve morrer. Por isso, matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. (p. 3)

Experimentamos no Brasil atual a morte como política, a política da morte, a necropolítica sendo executada cotidianamente. Morte objetiva e subjetiva, pelo adoecimento do

corpo físico e psíquico. Esse é o cenário nos quais professoras e professores da Educação de Jovens e Adultos estão e continuarão se confrontando ainda por algum tempo.

Nesse sentido assumir uma pedagogia engajada é fundamental. Para bell hooks (2017, p.35-36) a pedagogia engajada “não busca simplesmente fortalecer e capacitar os alunos. Toda a sala de aula em que for aplicado o modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento para o professor, que será fortalecido e capacitado para esse processo”. Aos professores progressistas cabe a tarefa de transformar os currículos, transgredir na sua prática pedagógica “a tal modo que não se reforce os sistemas de dominação”, são eles os mais dispostos a “correr os riscos acarretados pela pedagogia engajada e a fazer de sua prática de ensino um foco de resistência”. (p.35-36)

Na educação como prática da libertação será necessário conhecer e nomear as dores que afetam estudantes e professoras da EJA, nesses tempos difíceis. Novas e antigas dores provocadas pelas violências de uma sociedade marcada pela força do patriarcado de supremacia branca, que se expressa no sexismo, no racismo, na homofobia e tantas outras violações ao direito de homens e mulheres *serem mais*. bell hooks (2017) ressalta o desafio de nomear nossa dor e teorizar sobre ela, mas destaca a importância de homens e mulheres que “ousaram criar teoria a partir do lugar da dor e da luta, que expõe corajosamente suas feridas para nos oferecer sua experiência como mestra guia, como meio para mapear novas jornadas teóricas”, e claro, práticas (p.103).

Precisaremos nos debruçar sobre nossas dores e fazer delas combustível para nossa luta e resistência na Educação de Jovens e Adultos, em uma perspectiva transformadora. Para isso faz-se necessário cultivar a esperança. Nesse sentido ressaltamos a importância ontológica da esperança como ferramenta para a formação de professores da Educação de Jovens e Adultos no contexto da pandemia, do pós-pandemia e dos ataques à democracia no Brasil. É claro que, como ressalta Freire (2002, p.10), “sem negar a desesperança como algo concreto e sem desconhecer as razões históricas, econômicas e sociais que a explicam”, não podemos entender a existência humana e a necessária luta para fazê-la melhor. (p.10)

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

No aprofundamento de conceitos como Humanização, Educação como Prática da Liberdade e Esperança - do verbo esperar - , podemos construir, coletivamente, a leitura do complexo e doloroso contexto no qual nos encontramos e produzir teoria e prática a partir do lugar da dor e da luta, como nos convida bell hooks (2017).

Tendo Freire (2002) como inspiração e fundamento teórico-prático acreditamos que “a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira assim espera vã” (p.11). Sem um mínimo de esperança se quer iniciamos o embate pela construção de uma formação de professoras para a Educação de Jovens e Adultos em uma perspectiva da libertação.

## **REFERÊNCIAS**

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. 14 ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2011. 245p.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 40 ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2017. 189p.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 9ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2002. 245p.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17 ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1987. 184p.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir. A educação como prática da liberdade.; trad. Marcelo Brandão Cipolla. 2ed. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2017. 283p.

MBEMBE, Achilli. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. Trad. Renata Santini. São Paulo: M1 Edições. 2018. 80p.